

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS PORTUGUÊS/LITERATURAS

Ketlyn Alves de Queiros

ENGAJAMENTOS NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO:  
PERSONAGEM E CONTEXTO SOCIAL EM *CLARA DOS ANJOS*

2023  
Santa Maria

**Ketlyn Alves de Queiros**

ENGAJAMENTOS NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO:  
PERSONAGEM E CONTEXTO SOCIAL EM *CLARA DOS ANJOS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de bacharel em Letras Português/Literaturas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Orientadora: Dra. Renata Farias de Felipe

"Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após"  
( BARRETO, 2007)

## RESUMO

### ENGAJAMENTOS NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO: PERSONAGEM E CONTEXTO SOCIAL EM *CLARA DOS ANJOS*

AUTOR: Ketlyn Alves de Queiros

ORIENTADORA: Renata Farias de Felipe

Este trabalho objetiva analisar a construção da personagem Clara dos Anjos, da narrativa homônima de Lima Barreto, publicada em 1948. Nessa análise estudamos a personagem a partir de suas condições sociais como mulher, negra, suburbana e pobre, então destacamos tanto os traços físicos que figuram a imagem de Clara dos Anjos quanto os fatores que compõe a sua personalidade. Além disso, a partir do romance *Clara dos Anjos* buscamos compreender o diversificado público de cidadãos economicamente desfavorecidos que ocupam as comunidades periféricas. A justificativa para esta pesquisa é alicerçada no interesse em esclarecer as dificuldades que a mulher negra está sujeita a enfrentar na sociedade brasileira. Concluimos que a personagem Clara dos Anjos, vítima da violência histórica e cultural enraizada em nosso país, pode ser considerada um símbolo atemporal, que representa muitas mulheres negras e pobres.

Para tanto, selecionamos : Wayne C. Booth, Osman Lins, Lélia González, Lilia Schwarcz, Maria Luiza Costa e Rute Dantas, Cláudia Fonseca, Rita Laura Segato, Domício Proença Filho, Nicolau Sevcenko, Conceição Evaristo, Francisco de Assis Barbosa.

**Palavras-chave:** *Clara dos Anjos*, Lima Barreto, Classe Social, Racismo.

## ABSTRACT

### ENGAJAMENTOS NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO: PERSONAGEM E CONTEXTO SOCIAL EM *CLARA DOS ANJOS*

AUTHOR: Ketlyn Alves de Queiros

ADVISOR: Renata Farias de Felipe

This work aims to analyze the development of the character Clara dos Anjos, based on the narrative work of the same name by Lima Barreto, published in 1948. In this analysis, we study the character based on her social conditions as a suburban, poor, black woman, which is why we highlight both the physical and personality traits that shape our main character. Furthermore, based on the novel “Clara dos Anjos”, we seek to understand the diverse audience of economically disadvantaged citizens who occupy peripheral communities. The justification for this research is based on the interest of clarifying the difficulties that a black woman is subject to facing in Brazilian society. We can conclude that this character is a victim of historical and cultural violence rooted in our country. She can be considered a timeless symbol, which represents many poor black women. For this purpose, we have selected: Wayne C. Booth, Osman Lins, Lélia González, Lilia Schwarcz, Maria Luiza Costa e Rute Dantas, Cláudia Fonseca, Rita Laura Segato, Domicio Proença Filho, Nicolau Sevcenko, Conceição Evaristo, Francisco de Assis Barbosa.

**Key words:** Clara dos Anjos, Lima Barreto, Social Class, Racism.

Santa Maria, RS  
2023

## SUMÁRIO

1 Introdução	6
2 A singularidade de Lima Barreto	9
2.1 Lima Barreto : a ficção e o sujeito social	11
2.3 Diferentes olhares sobre a sociedade da Primeira República	13
2.4 O legado de Lima Barreto	16
3. As caracterizações suburbanas em <i>Clara dos Anjos</i>	20
4. A personagem Clara dos Anjos	29
5. Considerações finais	35
Referências	37

## 1. Introdução

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1881, período no qual recebia intensa pressão para o fim da escravidão de pessoas negras no Brasil. Negros e descendentes de ex-escravos, os pais do escritor foram: João Henriques, que trabalhou como tipógrafo e Amália Augusta, que atuou como professora.

Em *A vida de Lima Barreto* (1952), elaboração de Francisco de Assis Barbosa, compreendemos que Lima Barreto completou o ensino básico no Colégio Dom Pedro II e iniciou os estudos nos cursos de Engenharia e Direito, mas não os concluiu. Além disso, tornou-se servidor público e atuou como jornalista em *O Globo*.

O escritor inicia suas produções literárias no período da Primeira República do Brasil, e de acordo com alguns estudiosos como Lilia Schwarcz, o enredo de suas narrativas apresenta forte conexão com a sua história de vida marcada pelo preconceito, humilhação e injustiça. Na biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa, o biógrafo esclarece que Lima Barreto, frequentou dois mundos de classes sociais, contextos diferentes que influenciam no seu processo de crescimento enquanto literato e profissional assalariado.

De um lado, Lima Barreto conheceu a miséria e o subúrbio no Rio de Janeiro. A Vila Quilombo, bairro onde morava, era considerado a parte viva da África no Brasil. Desse contexto denuncia em sua literatura a realidade da pobreza e os enfrentamentos dos negros.

De outro lado, Barreto vive no ambiente considerado o Rio de Janeiro "branco". Desse cenário o escritor critica as figuras de falso intelectual, clientelismo no serviço público e sistema da Primeira República brasileira, que mesmo ao definir legislativamente o fim da escravidão no país, os negros continuaram sofrendo com discriminações étnico-raciais, miséria e falta de acesso à educação.

Com as vivências desses universos antagônicos Barreto tornou-se um símbolo que evidencia a presença de elementos da sociedade escravocrata na Primeira República brasileira. Apesar de conquistar espaços como servidor público, como jornalista e como escritor, a despeito de todas as atividades que exerceu, Barreto teve dificuldades de garantir a própria sobrevivência.

Para Lima Barreto, ocupar estes espaços não foi o suficiente para constituir o seu reconhecimento intelectual na época, sua dedicação e o empenho no seu trabalho não conseguiram romper com as barreiras do preconceito étnico e social. O estigma de ser negro e

pobre marcavam a imagem de Barreto e, conseqüentemente, impediam a visibilidade de seu talento.

Nos primeiros anos de República a inferiorização do negro era ainda onipresente e os afro-brasileiros vistos como sinônimo de mão de obra barata. Lima Barreto sofreu diretamente com isso, naquele contexto poucos negros eram alfabetizados e dificilmente conseguiam alcançar o cargo de servidor público, principalmente em um ambiente que prezava muito pelas profissões intelectuais, como o jornalismo no caso de Lima Barreto, o que nos permite refletir sobre o ambiente hostil que o escritor estava inserido.

Sua singularidade não se concentrava apenas nas características físicas, pois como homem negro que recebeu educação formal e escritor crítico às desigualdades da Primeira República, a originalidade de Lima Barreto não se limitava a penas aos fatores de características. Visto que a maneira como expressava sua forma de pensar por meio da literatura também era considerada um aspecto "Barretiano", sua perspectiva literária era traçada por um olhar de sujeito que vivencia os enfrentamentos da pobreza e da negritude.

No livro *Triste visionário*, de Lilia Schwarcz, esta explica que na literatura de Barreto muitos personagens representam as experiências de vida do próprio autor e as pessoas que fizeram parte de sua vida. A escritora declara: "Essas diferentes paisagens me traziam o 'Lima', como chamavam os amigos, mas também Isaías Caminha, Jonathan, Eran, Inácio Costa, Aquele e outros tantos pseudônimos que mal tentavam esconder seu autor" (SCHWARCZ, 2017, p.10).

Lima Barreto, assim como muitos negros e pobres, sofreu com o cenário do Brasil na Primeira República, a miséria e o racismo eram fenômenos que atingiam diretamente a população da época. Então, Barreto vítima desse sistema político, foi diagnosticado com transtorno mental psicótico, aspecto acentuado pelo abuso de bebidas alcoólicas que o escritor ingeria com o intuito de esconder suas angústias profissionais e a falta de dinheiro. O alcoolismo o levou a diversos tratamentos no Hospital Nacional de Alienados, e no processo de recuperação, enquanto era examinado e recebia os cuidados no hospital, no ano de 1922, Barreto sofre um ataque cardíaco e acaba por falecer.

Lima Barreto deixou como herança sua obra literária, a qual podemos compreender o historicamente o contexto político, econômico e social do Brasil, considerando isso nos dedicamos a elaborar uma análise de perspectiva crítico literária.

Para nossa análise, dividimos o estudo em três partes, a primeira com o título: *A singularidade literária de Lima Barreto*, em que buscamos explicar sobre o estilo de Barreto conectando a alguns conceitos literários desenvolvidos pelo teórico Wayne C. Booth. E pontuamos o tipo de linguagem constituída na literatura do carioca, a partir de Beatriz Resende.

Ainda nesta primeira etapa esclarecemos a perspectiva de crítica biográfica dos autores: Lilia Schwarcz e Osman Lins. Além de apresentarmos um breve panorama que mostra a relação da literatura com a política no período da Primeira República no Brasil, tendo como base os estudos do crítico Nicolau Sevcenko. E, por fim, selecionamos os principais elementos que marcam o legado de Lima Barreto na literatura.

Na segunda seção do trabalho intitulada: *As caracterizações suburbanas em Clara dos Anjos* (1948). Explicamos o enredo do romance com o intuito de contextualizar a história e a partir disso ressaltamos os diferentes aspectos que configuram os cidadãos moradores de periferia. Na segunda etapa também evidenciamos as questões sobre pobreza, divisão social e racismo, considerando os protagonistas da narrativa, Clara dos Anjos e Cassi Jones.

Para a terceira parte, com o título: *A personagem Clara dos Anjos*, temos como propósito estudar a construção da protagonista destacando sobre as características físicas e os aspectos que estabelecem a personalidade de Clara dos Anjos. Na análise dos traços subjetivos de Clara não poderíamos deixar de apresentar os elementos e os sujeitos fundamentais que estão diretamente relacionados à personagem e são importantes na formação de sua identidade, como os pais da personagem.

No romance *Clara dos Anjos* a protagonista assume poucas vezes o discurso direto, o que nos leva a analisá-la a partir do narrador onisciente, o qual constrói a personagem Clara dos Anjos. O narrador descreve a trajetória de vida de Clara e expõe sobre os riscos inconsequentes que as mulheres pobres, de modo geral, sejam elas negras ou brancas, estão sujeitas a enfrentar.

Neste trabalho introduzimos autores específicos para contribuir com o esclarecimento das ideias nessa pesquisa, além dos citados: Wayne C. Booth, Beatriz Resende, Lilia Schwarcz, Osman Lins, Nicolau Sevcenko, também consideramos: Domício Proença Filho, Lélia González, Maria Luiza Costa e Rute Dantas, Cláudia Fonseca, Rita Laura Segato, Conceição Evaristo e Francisco de Assis Barbosa.

## 2. A singularidade literária de Lima Barreto

A partir das produções de Lima Barreto entendemos que a literatura é muito mais que um elemento intelectual ou entretenimento. O escritor mostra que os livros podem ser uma ferramenta para conscientizar sobre as injustiças sociais. Como declara Osman Lins: "Este homem infenso a fronteiras, sente-se ligado ao povo, é ligado ao seu povo talvez como não tenha sido nenhum outro escritor no Brasil" (LINS, 1976, p.21).

A vasta obra de Barreto é composta por seis gêneros: romance, sátira, conto, crônica, epistolografia e memórias, os quais revelam uma perspectiva crítica sobre a sociedade brasileira da Primeira República. Em suas produções busca destacar as dificuldades de sobrevivência e reconhecimento.

A linguagem de característica simples e objetiva é um fenômeno do estilo de Barreto, muitos críticos defendem que por ter atuado como jornalista o carioca acabou levando esta linguagem de viés popular para a literatura. Beatriz Resende explica que Lima Barreto revela "liberdade em relação aos padrões escritos de uso de linguagem, tentativa de incorporar o linguajar popular, inclusive o idioleto dos negros e pobres" (Resende, 2012,p.12), Além disso, a crítica afirma que "lendo *Clara dos Anjos*, não fica dúvida alguma ao leitor de que se tratava de escrita romancista que se fez, ou que foi feita, pela vida, jornalística " (idem,p.13).

Esta linguagem considerada de cunho jornalístico por Beatriz Resende pode ser observada por uma outra perspectiva, pois percebemos que o autor apresenta em sua abordagem algumas peculiaridades, as quais podem ser notadas em alguns aspectos como qualidades próximas ao Realismo e Naturalismo. Destacamos algumas questões sobre a literatura de Barreto com um olhar voltado à estética do Realismo-Naturalismo, são eles: narração linear, lenta, objetiva, o descritivismo<sup>1</sup> e aspectos que revelam denúncia social.

As manifestações do Realismo e Naturalismo surgem no século XIX com o propósito de romper os ideias do Romantismo, visto que a literatura romântica é permeada pelo idealismo, pelo profundo sentimento de amor, pelos personagens heróicos seguidos pelo viés do homem branco, heterossexual e europeu.

---

<sup>1</sup> A " patologização" é própria da tendência naturalista, no entanto, Lima Barreto utiliza a descrição patológica no romance *Clara dos Anjos*, apenas para caracterizar o personagem Cassi Jones, o qual é descrito de maneira patológica na narrativa diretamente associado, de forma figurativa, aos seus animais de estimação, os galos de rinha.

O Naturalismo promove na literatura um olhar que destaca as adversidades sociais e econômicas de pessoas que vivem à margem. Contudo, as narrativas que apresentam essas estéticas e constituem personagens caricatas, “animalizadas”, construídas com uma perspectiva indigna e irracional<sup>2</sup>.

Em *Clara dos Anjos* percebemos algumas características próximas ao Realismo e Naturalismo, entretanto, no romance as marcas autorais do escritor superam os detalhes que se assemelham à estética realista-naturalista. A literatura de Barreto escapa do determinismo característico da literatura naturalista. Compreendemos que não é o ambiente que “corrompe” ou limita as personagens, mas estruturas sócio-culturais racistas e obsoletas. Nicolau Sevcenko, explica sobre a originalidade de Lima Barreto :

Lima Barreto submetia toda a sua criação, com o fito evidente de maximizar a sua expressividade, reforçando sua capacidade comunicativa. É esse mesmo impulso, pois, que lhe suscita uma manifesta flexibilidade no trato e combinação de diferentes vertentes estéticas [...] sua confessada admiração pelo naturalismo, particularmente de Aluísio Azevedo. (SEVCENKO, Nicolau, 2003, p.194).

O romance *Clara dos Anjos*, que mantém pontos de contato com a estética realista-naturalista, se contrapõe à perspectiva de que nas comunidades suburbanas as pessoas são animalizadas. As personagens que são pobres e residem na periferia são qualificadas pelo bom caráter e suas habilidades subjetivas de escrita, de musicalidade e entre outras. Portanto, salientamos que os elementos dessa estética não se sobrepõem às marcas autorais de Barreto, cujas personagens populares são construídas a partir de um viés empático.

Considerando o olhar humano de Lima Barreto aos personagens pobres e negros, percebemos uma motivação que busca manifestar que estes sujeitos marginalizados têm direito de ser representados com dignidade. A perspectiva de Lima Barreto em relação aos afro-brasileiros é diversificada, escapando à estereotipia preconceituosa.

Barreto revela uma perspectiva realista no sentido formulado por Wayne Booth, que define como um olhar " objetivo, distanciado, desapaixonado, irônico[...] uma ficção menos cerebral, uma confrontação mais direta com as emoções humanas básicas" ( BOOTH, 1980, p. 56). O

---

<sup>2</sup> Na literatura de Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, a personagem Bertoleza é construída a partir da estética Naturalista. Bertoleza é escravizada, e com essa condição acaba por fugir, então, conhece o João Romão, que se apropria desta mulher como dono e usufrui de sua corporalidade, mas principalmente de seu trabalho como mão de obra barata. A personagem demonstra em seu comportamento a ausência de autonomia, sentimentos, emoções e racionalidade. Ao final trágico de sua vida, representa um animal acuado e exausto do trabalho escravo, então para se refugiar do sofrimento a personagem Bertoleza comete um suicídio.

carioca se preocupa em aprofundar o efeito do "real" em *Clara dos Anjos*, critica a classe média, pontuando os efeitos que alimentam a desigualdade social em nosso país.

A ideia de "real" que rege a escrita de Barreto está atrelada ao que Booth explica como *intensidade*. Segundo Booth, os romances de viés realista utilizam recursos como o uso do narrador onisciente, a exploração de acontecimentos impactantes, que causam espanto ao leitor, e a utilização de uma personagem que guia a história (a "mente observadora").

Em *Clara dos Anjos* alguns desses fatores são identificados: nele há o narrador onisciente, visto que este tem conhecimento sobre os pensamentos e sentimentos dos personagens. Percebemos também o acontecimento impactante, que, nesse caso, consiste em um processo desenvolvido pelo narrador ao longo do romance, no qual prepara o intérprete para o espanto, um conflito trágico revelado ao final da história. E a mente observadora, deveria ser representada por Clara, mas a falta de autonomia e articulação da personagem dentro da história acaba deixando a função observadora para o narrador onisciente.

Booth aponta que são as literaturas realistas que exploram o lado "feio" da vida : "Alguns realistas estão principalmente interessados em que o tema faça justiça à realidade exterior ao livro. Para muitos dos chamados naturalistas, o quadro não pode ser real a menos que faça justiça ao lado feio da vida" (BOOTH, 1980, p.72).

## **2.1 Lima Barreto : a ficção e o sujeito social**

Muitos críticos estudam a literatura de Lima Barreto com um olhar diretamente alinhado à vida pessoal do escritor, diversos de seus livros são considerados uma releitura das experiências e história de vida do carioca. Apesar de compreendermos a relevância que a crítica de natureza biográfica apresenta para a obra de Barreto este não é o caminho que escolhemos para estudar o trabalho do escritor, pois nos dedicamos a uma análise voltada à crítica literária.

Schwarcz, com a perspectiva de biógrafa, revela que a realidade apresentada pela literatura de Barreto está diretamente relacionada às experiências e aos diferentes contextos vivenciados pelo jornalista. De acordo com ela, isso permite que o autor apresente um olhar profundo e sensível

sobre determinados assuntos. Para a estudiosa, Clara dos Anjos<sup>3</sup> é uma personagem baseada nas referências femininas presentes na família do escritor.

Além disso, Schwarcz explica que os pais do escritor, Amália Augusta e João Henriques, são frutos de relacionamentos inter-raciais, pois suas avós foram escravizadas e eram destinadas a ser concubinas de seus senhores. Considerando esta parte da vida de Barreto, a pesquisadora supõe que o enredo do romance representa essas figuras maternas que deram à luz a "mulatos". Nesse sentido, *Clara dos Anjos* seria uma história inspirada no dolorido contexto de violência e subordinação dos antepassados de Barreto. Segundo Schwarcz, "em romances como *Clara dos Anjos*, Lima alude à ascendência da mãe [...] Amália sabia ler e escrever com perfeição, e por isso diferenciava-se das gerações de sua mãe e avós, mas também dos recém libertos com quem devia conviver "(SCHWARCZ 2017, p. 31 - 40).

Enquanto sujeito sócio-histórico, o ex-jornalista foi um descendente de escravizados, negro, pobre, servidor público e diagnosticado como "louco", são condições adversas que refletiram sobre a construção da literatura de Barreto. Segundo Lins, que revela uma perspectiva próxima a de Schwarcz, a literatura de Barreto seria uma representação de sua própria vida: " [...] Assim, falando-se da obra de Lima Barreto, o que com mais evidência se impõe ao crítico é o relevo que nela tem o personagem que nem sempre aparece com o verdadeiro nome, e se chama Lima Barreto" ( LINS, 1976, p.32).

A partir dos apontamentos destes críticos e com os nossos estudos percebemos que a obra de Barreto trata de um contexto onde muitos brasileiros viviam. Entre as suas produções, romances como *Recordações de um escrívão Isaías Caminha*, que apresenta o pobre que busca ascensão social por meio do estudo; e *Cemitérios dos Vivos*, que descreve o sofrimento das famílias que são afetadas com doenças psicóticas e alcoolismo; além de *Clara dos Anjos*, que revela o conflito étnico por meio da ideologia racista.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Schwarcz estabelece uma analogia entre a personagem Clara dos Anjos e avô do escritor que se chamava Carlota Maria dos Anjos. A crítica explica que Carlota dos Anjos foi escrava e após engravidar de João Henriques, pai de Lima Barreto, foi expulsa da casa em que trabalhava. Então, por suas condições sociais menos favorecidas, de mulher negra e mãe solteira, Carlota passou a trabalhar como meretriz. "Consta que teria morrido aos 49 anos devido a uma embolia cerebral, e sido sepultada no dia 4 de fevereiro de 1872, no cemitério São João Batista. O nome dela será utilizado de forma direta no romance de vida toda de Lima Barreto, *Clara dos Anjos*" (SCHWARCZ, 2017, p. 49).

<sup>4</sup> Lélia Gonzalez explica que "O racismo enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas, passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses"(González, 2020, p.185)

O temário de sua obra inclui: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticos e econômicos; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas. (SEVCENKO, Nicolau, 2003, p.191).

Os temas elaborados por Barreto com uma visão sensível e profunda aos grupos marginais podem envolver uma conexão com o seu silenciamento literário durante o período que buscava o seu reconhecimento como escritor. Ainda que sua ficção trate de questões comuns à maioria da população brasileira, sua literatura não foi prestigiada por seus contemporâneos, bem como foi, por décadas secundarizada.

Barreto foi frequentemente "lido" a partir de uma perspectiva crítica biográfica que, ao atentar para as possíveis correspondências entre sua vida e os enfrentamentos das personagens, acaba por desqualificar seu talento literário como escritor.

Ainda que Lins adote uma perspectiva predominantemente de natureza biográfica com relação à obra de Lima Barreto, o crítico apresenta um olhar sensível quanto à habilidade literária do carioca : " [...] Ele um lutador, um escritor consciente das desigualdades, das degradações de natureza ética ou estética, um ser humano cheio de fervor, sonhando com um mundo menos estúpido e clamando até a morte" (LINS, 1924, p. 25).

O caráter questionador da literatura de Barreto é de fundamental importância, já que enfatiza as angústias dos negros e dos pobres, pois é uma forma de criticar às adversidades estruturais da sociedade enraizadas culturalmente e historicamente. Engajada, a literatura de Barreto tem como constante a atenção sobre "a política, as desigualdades sociais, a alienação sob todos os aspectos- e a expressão atinge não raramente um tom de franca rebeldia" (LINS, 1976, p. 57).

### **2.3 Diferentes olhares sobre a sociedade da Primeira República**

As tensões no Brasil na década de 1900 eram compostas por três principais fatores : desemprego, analfabetismo e racismo, questões as quais resultaram em uma sociedade desesperada e frustrada. A libertação dos escravizados gerou um breve clima de euforia que foi sucedido pelo abandono: sem qualquer política integradora ou auxílio para a sobrevivência, a maioria passou a viver nos cortiços e nos morros, regiões sem o básico de infraestrutura para vivência.

Na obra de Lima Barreto a pobreza é explorada em um nível de sensibilidade e profundidade que não compete ao sentimento de paixão quando apresentado na literatura de Barreto. Isto nos permite pensar sobre o objetivo deste escritor na literatura, pois escrever a respeito do amor de forma romântica não fazia parte da sua proposta.

Barreto buscava representar o conturbado cenário político após a abolição da escravidão e o contexto da Primeira República no Brasil, período no qual a sociedade brasileira estava dividida por conflitos constituídos desde o início do processo de civilização do país. Quanto às divisões da sociedade carioca durante a Primeira República, Nicolau Sevcenko destaca:

Dividido entre correntes rivais- anarquismo, socialismo, e trabalhismo- o grupo operário carioca se compunha de uma população vária, de diferentes pontos e condições de origem e distribuía especialmente bolsões urbanos isolados e de difícil comunicação. As próprias divisões étnicas entre grupos majoritários, negros, mulatos e portugueses eram fontes de atrito e entraves a unidade do movimento. (SEVCENKO, Nicolau, 2003, p.87).

Neste período de agudas divisões, Barreto preocupava-se em mostrar para o mundo as injustiças e desigualdades sociais do Brasil por meio da representação ficcional. O escritor foi porta-voz e vítima deste sistema no qual "Grande parte da população estava reduzida à situação de vadios compulsórios [...] Isso quando a penúria e o desespero não os arrastavam ao delírio alcoólico, à loucura ou ao suicídio" (SEVCENKO, 2003, p.87).

Nicolau Sevcenko esclarece que a partir deste "inferno social", como o mesmo define, muitos intelectuais de nosso país passaram a enfatizar a necessidade de promover mudanças culturais, políticas e sociais para a evolução do Brasil. Ressaltamos os escritores: Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Bevilacqua, Arthur Orlando, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, Graça Aranha, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Lima Barreto.

Esses escritores enfatizavam em suas literaturas a ideia da transição estrutural das classes sociais, viabilizando a possibilidade de ascensão social. Os estudiosos defendiam o acesso à educação formal, visto que mais da metade da população sofria com o analfabetismo. E, no nível econômico, os escritores citados defendiam a necessidade de modernização e industrialização do país.

Sevcenko explica que o grupo dos "mosqueteiros intelectuais" era composto por uma polarização entre os escritores que observavam a administração da Primeira República com uma perspectiva positiva, que precisava apenas de alguns reparos, e os autores com uma ótica completamente negativa, que não concordavam com os rumos que o país estava seguindo.

Neste período de grandes tensões, muitos escritores passam a produzir textos de acentuado cunho político. Segundo Sevcenko "A geração de pensadores e artistas suscitou o florescimento de um limitado utilitarismo intelectual tendente ao paroxismo de só atribuir validade de criação cultural se instrumentalizassem como fatores de mudança social" (SEVCENKO,2003, p.99).

Os escritores favoráveis à Primeira República foram mais aceitos pelo restrito público letrado, enquanto que os autores com um posicionamento contrário ao governo, que manifestavam-se com um viés de repúdio, pouco divulgavam suas produções no sistema editorial.

O historiador compreende que havia duas reações na qual " A mais simplista consistia em sublinhar as dificuldades do presente e transformar a sensação de inferioridade no mito de superioridade [...] A outra implicaria um mergulho profundo na realidade do país [...] capaz de descobrir uma ordem no caos do presente" (SEVCENKO,2003, p.106).

Para ilustrar as diferentes formas de pensar que dividiam o grupo dos intelectuais, Sevcenko aproxima os escritores Euclides da Cunha e Lima Barreto pelo fato de ambos serem mestiços e órfãos de mãe.

Considerando isso, detalhamos : Euclides da Cunha, mestiço de indígenas, nasceu no Rio de Janeiro, órfão de mãe quando criança, foi criado em um ambiente rural e se escolarizou na Escola Politécnica. E, sobre Lima Barreto: "mulato" nasceu no Rio de Janeiro, criado na Ilha do Governador, órfão de mãe precocemente, também estudou na Escola Politécnica. O estudioso informa que tanto Cunha quanto Barreto eram contra o cosmopolitismo, um pensamento filosófico de intelectuais que discordavam da organização geográfica fronteiriça que divide países. A proposta deste grupo de pensadores consiste no desenvolvimento da humanidade em conjunto, evitando distinções nacionais.

Apesar de escritores apresentarem proximidades na história de vida e afirmarem o seu orgulho nacional, não cultivavam a mesma forma de observar o mundo. Cunha apreciava a teoria científica e moderna, a qual afirma como "as magias da ciência"<sup>5</sup>, além de considerar a princípio, o primeiro governo republicano como "o resplendor da civilização vitoriosa"<sup>6</sup>. Entretanto, Barreto julga a ciência e a modernização como ideais supérfluas, ademais pontua o primeiro governo republicano como preconceituoso.

---

<sup>5</sup> Expressão do próprio Euclides da Cunha (SEVCENKO, 2003, p.146).

<sup>6</sup> Expressão do próprio Euclides da Cunha (SEVCENKO, 2003, p.146).

O próprio advento da República fora uma experiência que marcara de forma antagônica os dois autores. Euclides lutava por ela e manteve-se na sua vanguarda ativa, sempre fazendo alarde de sua fé no novo regime. 'A ideia republicana segue a sua trajetória fatal e indestrutível como a das estrelas'. Já para Lima Barreto, desde a exoneração do pai do seu emprego público, logo nos dias que se seguiram ao desfile de Deodoro, ela só lhe trouxera uma série inapelável de desgraças familiares e pessoais. (SEVCENKO, Nicolau, 2003, p.149).

Os governantes do Brasil, naquela época, buscavam equiparar nossos costumes e valores aos modelos europeus, com isso todos os sujeitos que não se enquadram nos parâmetros semelhantes ao homem branco acabavam subjugados.

Para Euclides da Cunha, mesmo com sua descendência indígena seus traços fenotípicos não eram fortemente marcados, o que neste contexto o colocava em uma posição de vantagem. Desse modo lutar pela democratização racial não lhe parecia uma luta urgente. Já Lima Barreto negou-se a aceitar o modelo branco, europeu, como uma medida. Quanto a isso o historiador esclarece que "Começaram realmente a admitir o modelo europeu como padrão absoluto [...] Lima Barreto, mulato e identificado com esse lado da herança, não poderia admitir. Embora para Euclides da Cunha fosse um pressuposto pacífico" (SEVCENKO, 2003, p.147).

## **2.4 O legado de Lima Barreto**

Lima Barreto buscava expressar as suas revoltas e frustrações por meio da literatura, com isso dedicava-se a produzir um conteúdo relevante que pudesse refletir aos seus leitores a conscientização sobre o contexto caótico do Brasil que atingiu os setores político, econômico, educacional e social.

Osman Lins relaciona os escritores Lima Barreto e Machado de Assis, na tentativa de explicar as diferenças entre as produções desses autores, considerando que ambos foram escritores negros, prolíficos e atentos às contradições da Primeira República. Quando comparados, no entanto, Machado de Assis foi muito mais prestigiado do ponto de vista da crítica historiográfica.

Machado de Assis é reconhecido pelo seu talento em elaborar de maneira peculiar os traços de humor, suspense e medo em sua literatura. Além disso, a linguagem desenvolvida em sua literatura é considerada refinada, muitas vezes, com o intuito de qualificar o estilo "machadiano" como altamente intelectual e distante das classes populares.

Esta perspectiva conecta-se com as ideias de Lins que compreende a literatura de Machado de Assis como inovadora. O modo como o escritor desenvolveu suas produções rompeu as barreiras

do preconceito ético-racial ; "O apuro formal de Machado de Assis - a ele que, de origem negra, sentia de maneira aguda esse problema [...] vai apagando os seus *estigmas* (a cor, a pobreza, a obscuridade) nada disso lhe parecia muito inspirador" (LINS, 1976, p. 18).

Lima Barreto, diferentemente, explora uma literatura objetiva, coerente, coesa, clara e sensível, além de confrontar por meio da crítica o elitismo dos círculos literários, privilegiando, em suas narrativas, os enfrentamentos e a exclusão dos humildes. Alguns estudiosos definem seu trabalho como "pobre". A perspectiva a qual Lins se opõe, definindo-a como equivocada e superficial.

O autor não quer esconder-se e não resguarda atrás de biombo. Um estilo pouco conotativo e portanto algo espesso, o que redundava, em tese, um certo empobrecimento. Tal empobrecimento, aqui é ilusório - e "a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de conformismo e academismo, só veio a lucrar com essa descida de tom que permitiu à realidade entrar sem máscaras no texto literário. (LINS, Osman, 1976, p. 20)

Lins faz uma observação sobre o modo como o amor é apresentado nas narrativas de Barreto e esclarece a ausência de sentimentalismo e de profundidade. O amor, um conceito abstrato e ao mesmo tempo intenso e não é expressado com credibilidade na obra do carioca. A clareza e a objetividade constituídas no seu estilo acabam dificultando o desenvolvimento desta emoção, então o amor acaba se tornando apenas um detalhe na sua literatura. "A vida matrimonial é morna, os casamentos- apresentados ironicamente, como a única finalidade da mulher- [...] um ácido desagregador; um conjunto de peças fingindo um mecanismo, algumas peças engendram-se mas não constituem uma organização no verdadeiro sentido do termo"(LINS, 1976, p. 54).

Barreto é apresentado por Sevcenko como uma grande referência do grupo "escritores-cidadãos", pois o autor se reconhece como negro e luta para que a sociedade o trate com dignidade. Isso pode ser percebido em sua literatura, que adota uma perspectiva empática em relação aos desfavorecidos, que descreve com detalhes os traços fenotípicos da etnia negra em seus personagens; que caracteriza os subúrbios de forma minuciosa e que constrói relações dignas e humanas entre os personagens pobres.

Sevcenko em seu estudo sobre Lima Barreto analisa que o escritor promove em suas narrativas diversas representações da sociedade, seus personagens tem o papel de burocratas, burgueses, charlatões, aristocratas, militares, operários, suburbanos, subempregados, desempregados, violeiros, mendigos, meretrizes, polícias, intelectuais, jornalistas, ex-escravos, políticos, loucos,

criminosos, estrangeiros, alcoólatras, banqueiros, comerciantes e muito mais. Todos estes personagens são símbolos elaborados para criticar e denunciar a sociedade carioca no período da Primeira República.

Outro aspecto examinado por Sevcenko são os ambientes explorados nas narrativas. Barreto cria histórias para os mais diversos cenários: interiores domésticos, estabelecimentos de comércio, cassinos, bancas de jogo do bicho, festas, bordéis, pensões baratas, cortiços, favelas, hospícios, prisões, bares, cerimônias burguesas, alcovas, gabinete presidencial, zonas rurais e entre outros.

O historiador afirma que o carioca promove em sua literatura uma linguagem próxima da oralidade com sensibilidade, pois seus textos revelam reflexões sobre os enfrentamentos das pessoas que vivem à margem da sociedade. Estas questões são interessantes para viabilizar a leitura a todo público que esteja disposto a conhecer sobre a realidade de muitos pobres e negros. "Lima Barreto procurou premeditadamente a descaracterização do estilo, na busca de uma comunicabilidade mais imediata e expressiva com um público muito mais vasto" (SEVCENKO, 2003, p.199).

Além disso, a obra do escritor apresenta uma ênfase no efeito da caricatura, que é outro fenômeno bastante presente em suas narrativas. A caricatura contribui significativamente para expor a denúncia social, já que depreciar as personagens, caracterizando-as de forma grotesca desperta nos intérpretes diferentes pontos de vista quanto ao papel social representado pelos personagens. " 'A ironia vem da dor' [...] caricatura, ela deriva da sua convicção de que a não fala por si; é preciso que ela seja exagerada criticamente para revelar os seus defeitos e expor as deformações que despertem o desprezo geral" (SEVCENKO,2003, p.196).

A obra de Lima Barreto revela uma atenção especial aos excluídos, é possível perceber isso a partir da sensibilidade na construção dos personagens que fazem parte da comunidade de pessoas marginalizadas. Então, quanto ao seu estilo destacamos o tom crítico, questão trabalhada em quase toda sua obra, efeito o qual acompanha precisamente as sátiras que revelam um humor "áspero" constituído pelos personagens caricatos.

Com relação ao jogo gramatical que exhibe o domínio da língua portuguesa, isto não era parte do estilo de Barreto. O autor compreendia que a formalidade exacerbada não expande informação e conhecimento, mas a linguagem simples e direta consegue alcançar até mesmo as classes populares.

Os estudiosos com este pensamento acreditavam que a literatura deveria seguir rigorosamente a escrita formal e Barreto criticava essa valorização, já que não conseguia encontrar sentido neste apego pela formalidade por parte de alguns escritores. Como revela Sevcenko: "Lima Barreto hostilizava abertamente, formalizando no seu próprio modo descuidado de compor, indiferente às consequências dos cacófatos e solecismos, uma crítica firmada como desafio às correntes oficiais"(SEVCENKO,2003, p.196).

O carioca consegue envolver a linguagem comum com os elementos da ironia e do sarcasmo. Seu estilo singular é motivado por "escapar às injunções dos mandarinatos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte"<sup>7</sup>. Lima Barreto não aceitou seguir os padrões literários da época, o escritor prezava pelo seu estilo e conseguiu desenvolver diversos efeitos que marcam a sua autoria.

Compreendemos que o carioca foi alvo de comentários negativos por sua linguagem literária ser categorizada pela simplicidade e objetividade, mesmo assim o escritor preferiu manter uma comunicação não tão carregada de termos poéticos e expressões codificadas pela literatura. De acordo com Lins : "Lima Barreto inaugura na ficção brasileira, sem dar-se conta disto, segundo tudo indica, o tema da incomunicabilidade, tão caro à arte contemporânea, sugerido como antecipador, um anunciador do nosso tempo e das nossas criações" (LINS, 1976, p. 35).

Lima Barreto relaciona os aspectos da sociologia e da história com a literatura e promove uma conexão entre o mundo ficcional e "real". O autor produziu romances, contos e crônicas, todos elaborados de diferentes maneiras com profundas reflexões estabelecidas a partir de um olhar sensivelmente social.

O estilo do escritor que inclui suas marcas autorais a partir da linguagem, representação dos personagens, temas abordados, espaços explorados e entre outros, tornaram a obra de Lima Barreto simbólica, pois a partir de sua literatura podemos compreender o contexto histórico, político e social no início do século XX no Rio de Janeiro.

Barreto enfrentou o preconceito étnico, a indiferença de tratamento pela sua condição econômica, a violência com sua deficiência psiquiátrica. Mas resistiu enquanto cidadão; em busca de uma boa condição social, resistiu enquanto profissional; tentando alcançar o seu reconhecimento, resistiu enquanto negro; esforçando-se para não ser taxado como incapaz por

---

<sup>7</sup> 194 Expressão do próprio Lima Barreto "(SEVCENKO,2003, p.194)

sua cor de pele, até a suas forças se esgotarem. Pela sua história e seu trabalho, reconhecemos que seu legado é sinônimo de muita luta e dedicação.

### 3. As caracterizações suburbanas em *Clara dos Anjos*

A estudiosa Beatriz Resende chama a atenção para o fato de o romance *Clara dos Anjos*, publicado postumamente, em 1948, ter como origem o conto de mesmo título, publicado em 1920.

O conto *Clara dos Anjos* apresenta algumas diferenças em relação ao livro, o personagem que faz o papel de seduzir a jovem negra periférica, Clara dos Anjos, se chama Júlio Costa, assim como no romance o Júlio engana as mulheres com o seu charme musical, tocando e cantando modinhas. No conto e no livro Clara é caracterizada como uma jovem bonita e educada, entretanto, após ser seduzida por Júlio e ter gerado um filho desta relação, ao final da história a moça se torna meretriz.

Considerando isso, para esta análise selecionamos a versão em romance de *Clara dos Anjos*,<sup>8</sup> uma produção composta por dez capítulos que apresenta a história de Clara dos Anjos, uma menina pobre e negra que vive com sua família na comunidade chamada *Diamantina*, localizada no Rio de Janeiro.

Clara é filha de Joaquim dos Anjos, um homem inteligente e íntegro que preza pela união e o bem estar da família, atua em cargo de servidor público e trabalha como carteiro. O pai de Clara é reconhecido pelo talento musical, toca flauta, violão e compunha algumas músicas. " Na sua simplicidade de nascimento, origem e condição, Joaquim dos Anjos acreditava-se músico de certa ordem, pois além de tocar flauta, compunha valsas, tangos e acompanhamentos de modinhas" ( BARRETO, 2012, p.1).

Joaquim dos Anjos costuma se reunir entre seus poucos amigos, o padrinho de Clara, Antônio da Silva Marramaque que "semi-aleijado e semi-paralítico do lado esquerdo, tinha, entretanto, pertencido a uma modesta roda de boêmios literatos e poetas, na qual, a par da poesia e de coisas de literatura, se discutia muita política, hábito que lhe ficou" ( BARRETO, 2012, p.5).

---

<sup>8</sup> Schwarcz revela que a versão em romance "foi datada de pouco antes da morte do autor; no entanto, do jeito que ficou, mais parece um manifesto a favor dos subúrbios e da ética dos pobres. *Clara* era também uma plataforma contra os estrangeirismos, as desigualdades de origem, raça e região; uma denúncia poderosa diante das comunidades que não se encerraram com a lei que aboliu a escravidão" (SCHWARCZ,2017, p.414)

Outro companheiro de Joaquim é Eduardo Lafões que "não era operário, como se poderia pensar. Era guarda das obras públicas. Português de nascimento, viera menino para o Brasil, isto há mais de quarenta anos; entrara muito cedo para a repartição de águas da cidade, chamara a atenção dos seus superiores pelo rigor de sua conduta;" ( ibidem p.5). Em alguns momentos o trio interage abordando pautas de diálogos literários com jogos de cartas, em outros momentos tocam e cantam em rodas musicais.

Clara também é filha de Engrácia dos Anjos, uma mulher muito religiosa, que segue a doutrina católica, " não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava"( BARRETO, 2012, p.26).

A mãe de Clara trabalha como dona de casa e a sua atenção diária é dedicada à família para ensinar sua filha nas funções de casa e atender aos pedidos domésticos de seu cônjuge. "Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou - como em geral acontece com as nossas moças -, tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuará na idade de dezoito anos" ( ibidem, p.26).

Por ser mãe de Clara Engrácia representa uma imagem importante na história, no entanto, ao longo desta narrativa compreendemos sua participação de coadjuvante e percebemos que é uma personagem presente em poucas cenas, contudo fundamental para entendermos a personalidade de Clara dos Anjos.

A jovem Clara é a única filha do casal e ao longo de sua criação recebeu ensinamentos de viés bastante conservador. Protegida pelos seus pais, Clara se relaciona com poucas pessoas, além disso, vale ressaltar que o seu círculo de amizades não é constituído por pessoas que tenham a sua mesma idade, dezessete anos.

A criação conservadora é sinônimo da super proteção que os pais de Clara desenvolveram para evitar que a moça não tivesse exemplos inadequados e amizades de postura imoral. Entretanto, isso acabou "escondendo" a jovem do mundo, privando-a de frustrações.

Com relação às características da protagonista, Clara dos Anjos, a jovem revela traços herdados de sua mãe e de seu pai, tanto em questões físicas como de personalidade, é apresentada como uma moça bonita, alegre, inteligente, religiosa e dedicada. Como esclarece o narrador :

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido, que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média deles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos. Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares. ( BARRETO, Lima, 2012, p.19)

Clara dos Anjos se destaca não apenas por sua elegante aparência, a originalidade da personagem é traçada pelos detalhes, pois com relação a sua personalidade não podemos deixar de enfatizar o fato de ser uma mulher negra suburbana letrada. Se considerarmos a condição dos negros e das mulheres em meados do século XX, o fato de Clara ser alfabetizada coloca a personagem em uma posição de excepcionalidade.

A jovem apresenta uma boa educação e ajuda a sua mãe com as tarefas domésticas, auxiliando com a culinária e a organização de sua residência. Além da boa educação, a moça também tem conhecimento sobre costura, visto que a personagem ajuda a Dona Margarida, vizinha que mora próximo e uma grande amiga da família.

Destacava-se muito Dona Margarida Weber Pestana, pelo seu ar varonil, tendo sempre ao lado o filho único, de quatorze anos, fardado com uma fardeta de colegial. Tinha, essa senhora, um temperamento de heroína doméstica. Viera muito cedo para o Brasil, com o pai, que era alemão; ela, porém, havia nascido em Riga, russa portanto, como sua mãe o era. Antes dos dezesseis anos, ficara órfã de mãe. Seu pai emigrara para o Brasil, contratado a trabalhar no acabamento das obras da Candelária. Era estucador, marmorista, um pouco escultor; enfim, um operário fino, para essas obras especiais de revestimento e decoração interna de edifícios suntuosos. ( BARRETO, Lima,2012, p.20)

Dona Margarida revela uma postura e argumenta um discurso no qual defende a necessidade da mulher ser forte e independente em questões financeiras e de qualificações práticas. "Dona Margarida Pestana, que, enviuvando, sem ceutil, adquirira casa, fizera-se respeitada e ia criando e educando o filho, de progresso em progresso"( BARRETO, 2012, p.49)

A russa conhece Clara desde pequena e apesar de se aproximarem por meio do trabalho de costura, as moças apresentam uma relação amigável, em que passeiam juntas visitando lojas e assistindo filmes no cinema, considerando que a casa desta senhora é o único ambiente que os

pais de Clara permitem que a menina frequente. Como esclarecido pelo narrador: "Raramente saía (Clara), a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ir ao cinema e a compras de fazendas e calçados. A casa dessa senhora ficava a quatro passos de distância da do carteiro." ( ibidem, p.20)

Em um momento de descontração de Joaquim dos Anjos com seus amigos, Clara é questionada por Lafões sobre seu interesse em encontrar um cônjuge para um futuro casamento, diálogo no qual a menina expõe seu pouco empenho em querer alcançar este objetivo, de casar.

Felizmente Clara chegava com o café. A conversa apaixonada cessava, e os dois convivas de Joaquim recebiam os cumprimentos da menina:  
 - A bênção, meu padrinho; bom-dia, Seu Lafões.  
 Eles respondiam e punham-se a pilheriar com Clara.  
 Dizia Marramaque:  
 - Então, minha afilhada, quando se casa?  
 - Nem penso nisso - respondia ela, fazendo um trejeito faceiro.  
 - Qual! - observa Lafões. - A menina já tem algum de olho. Olhe, no dia dos seus anos... ( BARRETO, Lima, 2012, p.6)

Nesta conversa surge o nome de Cassi Jones de Azevedo, filho de Manuel Borges de Azevedo, servidor público, que trabalha em uma repartição localizada em um bairro nobre no Rio de Janeiro. E, filho de Salustiana Baeta de Azevedo, uma senhora dona de casa, muito vaidosa, vangloria-se de sua descendência britânica de terceiro grau e ostenta o cargo profissional ocupado pelo seu irmão, que atua como médico do exército. Cassi é um homem branco, criado em uma família de classe média, apresentava-se como violeiro, compositor de modinhas, e sua aparência não escondia seu carácter duvidoso. Como caracterizado na história:

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado "modinhoso", além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da Rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo "Brandão", das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelinragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio - a famosa "pastinha". Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. ( BARRETO,Lima, 2012, p.7)

O amigo de Joaquim conheceu o Cassi na delegacia, em um momento no qual Lafões estava detido "por ter feito um distúrbio, num botequim, onde tomara uma carraspana, em

comemoração ao ter acertado uma centena no bicho" ( BARRETO, 2012, p.18). Cassi estava nas dependências da delegacia por ter constituído um envolvimento amoroso com uma mulher casada, sendo-lhe atribuído ao papel de amante.

Nesse episódio, Lafões contribuiu doando um maço de cigarro a Cassi, que estava à procura. O jovem se compadeceu com o gesto de Lafões e pediu que "seu chefe político" desse a liberdade ao seu mais novo parceiro. A partir deste dia estes senhores constituíram uma distante amizade, já que Lafões desconhece os delitos cometidos pelo jovem, pois "Lafões, não lê os jornais.", meio de comunicação que documenta muitos crimes de Cassi Jones.

Cassi Jones estava preso porque se envolveu amorosamente com uma negra gaúcha que vivia no Rio de Janeiro com seu marido servidor do exército da marinha. Após o militar fazer uma queixa de Cassi, o jovem foi preso pelo crime.

Cassi conseguiu conhecer a gaúcha e seduzi-la. Mal o marido saía, ele se metia em casa da moça com violão e tudo. A vizinhança murmurava contra aquela pouca-vergonha. O delegado mandou procurar Cassi e conseguiu pilhá-lo à noite. Os agentes deram uma batida nos matos, e o galã fugitivo foi preso e recolhido à enxovia. Cassi foi preso por se seduzir uma moça. ( BARRETO, Lima 2012, p.18)

Por conhecer o mediano talento musical de Cassi, o Lafões sugere que o jovem se apresente como atração no dia do aniversário de dezoito anos de Clara, dessa forma Joaquim poderia avaliar o trabalho do rapaz. "Joaquim dos Anjos, afinal, tendo o assentimento da mulher e também curioso de conhecer as habilidades de Cassi, no violão e na trova popular, consentiu que Lafões o trouxesse em sua casa, no dia do aniversário de Clara. " ( BARRETO, 2012, p.19)

O amigo do carteiro não tinha noção do perigo que este homem poderia causar para a família de Joaquim, visto que o histórico social e judicial de Cassi já revelava sobre sua dignidade.

o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas. Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na correção. ( BARRETO, Lima, 2012, p.7)

Cassi apresenta uma imagem completamente oposta a de Clara, considerando a classe social, a etnia, a educação, entre outros aspectos. Clara é construída representando uma essência leve, positiva e admirável, enquanto Cassi, simboliza uma personalidade infame.

Lafões fez a comunicação e Cassi aceitou o convite e em poucos dias ocorreu a festa para comemoração ao aniversário de Clara. A celebração aconteceu na casa da família, onde "a pequena casa regurgitava; e - coisa curiosa - havia mais convidados de idade meã que moças e rapazes. Isto se explicava pela estreiteza de relações de Clara e dos seus pais, devido à vida que levavam". ( BARRETO, 2012, p.20) Clara estava feliz pela organização de sua festa, mas o que realmente a deixava animada era saber que faltava pouco tempo para finalmente conhecer o tal Cassi Jones. Preparou-se elegantemente para o tão esperado momento :

Clara estava bem vestidinha. Era inteiramente de crepom o seu vestido, com guarnição de renda de indústria caseira, mas bonita e bem trabalhada; o pescoço saía-lhe nu e a gola do casaco terminava numa pala debruada de rendas. Calçava sapatos de verniz e meias. Nas orelhas tinha grandes africanas e penteara-se de bandós, rematando o penteado para trás, na altura do pescoço, um coque, fixado por um grande pente de tartaruga ou coisa parecida. ( BARRETO,Lima, 2012, p.20)

A moça não conseguia esconder sua euforia, visto que durante dias até a data festiva, a filha do carteiro passou longas noites imaginando os possíveis traços físicos, generosidade e cavalheirismo de Cassi. A jovem estava tão emocionada que criou um homem ideal com a imagem e a personalidade a qual não condizia com a do modinheiro, mesmo que algumas amigas tivessem tentando esclarecer sobre o rapaz. Ao sabê-lo: " Clara não ocultava o seu desapontamento; e uma de suas colegas lhe dizia em confidência: - Clara, toma cuidado. Este homem não presta"( BARRETO, 2012, p.21).

Clara aguardava ansiosamente pela chegada do galã, até que foi comunicado a sua chegada : "O baile ia adiantado, quando a filha de Lafões veio correndo do portão do mimoseado jardim que enfrentava a casa, anunciando alegre: - Ê vem aí, 'Seu Cassi'"( ibidem, p.21).

Quando o violeiro entrou na festa muitas mulheres ficaram encantadas pela sua aparência do e naquele foi momento observado como uma grande atração na festa de Clara. A beleza exótica do sujeito conseguiu unir em alguns segundos todas as jovens moças que estavam presentes no aniversário de Clara .

Houve um estremezimento que percorreu os convivas, como um choque elétrico. Todas as moças, das mais diferentes cores, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiam e harmonizavam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas." (Barreto,Lima, 2012, p.21)

Cassi chamou a atenção de muitas mulheres, mas a única a qual lhe interessava era Clara, que inconvenientemente aos olhos do modinheiro revela uma exuberante sensualidade. Como

descrito : "Apresentado, por Lafões, aos donos da casa, e à filha, ninguém lhe notou o olhar guloso de grosseiro sibarita sexual que deitou para os seios empinados de Clara." ( BARRETO, 2012, p.22)

Ao longo da festa muitas pessoas foram percebendo o encantamento de Cassi por Clara e homens e mulheres sentiam inveja pela conexão entres estes dois jovens. Os homens estavam frustrados por nunca despertarem tal nível de paixão em Clara e as mulheres com ciúmes porque a filha do carteiro se "engraçava" com o violeiro. No entanto, todos que amavam a jovem buscavam a proteger, Marramaque, padrinho de Clara, atribuiu como missão romper esse laço amoroso que se iniciava entre os apaixonados.

O que espantava, na ação de Marramaque, era a sua coragem. Ele, semi-aleijado, velho, pobre, lançava um solene desafio àquele valdevinos forte, são, habituado a rolos e rixas. Cassi não se demorou mais por muito tempo. Pediu o chapéu, despediu-se dos donos da casa e da filha destes, fez um cumprimento em roda e, quando deu com o rosto de Marramaque, com os olhos estranhamente fixos nele, a boca semi-aberta, o braço esquerdo fixado em ângulo reto, pela moléstia, arrastou-se. Parecia uma aparição... Deixara de ser o contínuo aleijado que ele antes tinha visto; era outra coisa, mais do que o simples Marramaque, que o espantava e o fazia tremer. ( BARRETO, Lima,2012, p.25)

Enquanto Marramaque tentava evitar o relacionamento entre Clara e Cassi, o modinheiro objetivava anular a vida do padrinho de Clara. E infelizmente a interrupção de Marramaque nesse relacionamento foi breve, pois dedicando-se a proteger o futuro de sua afilhada acabou sendo cruelmente assassinado a mando do galã suburbano.

Marramaque, debaixo de chuviscos teimosos, embrulhado numa capa de borracha, subiu a ladeira, para depois descer o barranco e, finalmente, chegar à casa. Quando estava no alto da pequena elevação, dois sujeitos tomaram-lhe a frente e disseram-lhe: "Capenga, você vai apanhar, para não se meter onde não é chamado." Não teve tempo de dizer coisa alguma. Os dois descarregaram-lhe os cacetes em cima, pela cabeça, por todo o corpo; e o pobre Marramaque, logo à primeira paulada, caiu sobre um lado, arfando, mas já sem fala. Malharam-no ainda com toda a força e raiva, sem dó nem piedade; e fugiram, quando lhes pareceu momento azado.( BARRETO,Lima, 2012, p.58)

Dona Margarida também foi alvo de Cassi: "É bem de ver que ele sabia com quem se metia; mas, no caso, tratando-se de um quase inválido, a força a empregar seria mínima; e, no que toca a Dona Margarida, ele saberia enganá-la e embaí-la."( BARRETO, 2012, p.32) Apesar de a senhora russa ser considerada um obstáculo de Cassi para alcançar Clara, o modinheiro não praticou nenhum crime contra Dona Margarida.

Diante do comportamento indigno de Cassi, percebemos que o jovem revela uma certa peculiaridade de senso humano em sua personalidade. A sedução do violeiro com relação às

mulheres nos permite refletir que esta ousadia é apenas um detalhe considerando todo o trabalho estratégico e sangrento que este homem se submete para conquistar as moças.

[...] Na sua singular moral de amoroso-modinheiro, não se sentia absolutamente criminoso, por ter até ali seduzido cerca de dez donzelas e muito maior número de senhoras casadas. Os suicídios, os assassinios, o povoamento de bordéis de todo o gênero, que os seus torpes atos provocaram, no seu parecer, eram acontecimentos estranhos à sua ação e se haviam de dar de qualquer forma. Disso, ele não tinha culpa. (BARRETO, Lima, 2012, p.32)

O esforço de Marramaque, Joaquim, Engrácia e Dona Margarida com o intuito de evitar que Clara fosse prejudicada por Cassi era ignorado pela jovem, pois a filha do carteiro estava completamente alienada pela paixão. Então, iludida com o relacionamento "Clara, na sua justificável ignorância do mecanismo da nossa vida social, julgava que seus pais eram com ele injustos e grosseiros." (BARRETO, 2012, p.27)

Aos poucos Clara dos Anjos foi se corrompendo, enganando seus pais com mentiras, disfarçando sobre as longas conversas que desenvolvia com Cassi por meio de cartas. O sujeito que mantinha a "ponte" de contato entre os dois jovens era Meneses, o dentista de Clara que frequentava sua residência toda semana, como explica o narrador : "Sabendo que Meneses estava todos os dias com Clara, Cassi, que havia resolvido pôr cerco à rapariga, tratou de aproveitar o estado de miséria, de abatimento moral em que estava o velho dentista, para realizar os seus inconfessáveis fins." (ibidem, p.53)

Meneses aos setenta anos, simbolicamente representava sua profissão de dentista, mas a verdade é que não apresentava condições de atender novos pacientes, já que seus instrumentos de trabalho e o próprio método estavam ultrapassados. Este doutor estava completamente falido e seu fracasso financeiro o motivava a beber por horas.

Então, alcoólatra e sobrevivendo em estado de miséria, Meneses aceitou promover a troca de cartas entre Clara dos Anjos e Cassi Jones com este "trabalho" conseguiu ter um pouco de dinheiro para comprar alguns suprimentos básicos.

Não esperava mais que Cassi lhe oferecesse dinheiro, pedia-o. No começo, o violeiro foi satisfazendo inteiramente os pedidos; depois, fazia-o pela metade; por fim, dizia que não tinha dinheiro e não lhe dava nada. Meneses, porém, continuava passivamente a desempenhar o seu indigno papel. Se não o achava decente, conformava-se diante da sua atroz e irremediável miséria. Não se julgava mais um homem. (BARRETO, Lima, 2012, p.55)

Apesar de Meneses não ser retribuído continuamente a maneira a qual havia combinado com Cassi, mesmo sem receber seus tributos pelo "trabalho" seguiu encaminhando as cartas, pois

tinha um certo carinho por Clara e lhe confortava ver a felicidade da jovem sempre que deixava as cartas escritas pelo violeiro.

O relacionamento de Clara com o modinheiro não ficou apenas por meio de cartas, pois Cassi resolveu se encontrar com a jovem. Em uma noite o músico decidiu que iria visitar a filha do carteiro e teriam contato pela janela do quarto da moça, mas nesse episódio em poucos minutos entregaram-se a um profundo contato corporal.

Clara dos Anjos, meio debruçada na janela do seu quarto, olhava as árvores imotas, mergulhadas na sombra da noite, e contemplava o céu profundamente estrelado. Esperava. Fazia uma linda noite sem luar; era silenciosa e augusta. As árvores erguiam-se hirtas e se recortavam na sombra, como desenhadas. Nem uma aragem corria; mas estava fresco. Não se ouvia a mínima bulha natural. Nem o estridular de um grilo; nem o piar de uma coruja. A noite quieta e misteriosa parecia aguardar quem a interrogasse e fosse buscar no seu sossego paz para o coração. ( BARRETO, Lima, 2012, p.66)

Clara cada vez mais apaixonada por Cassi, sonhava em casar e viver uma linda vida como dona de casa, pois "Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher." (BARRETO, 2012, p.49) Mas, com o tempo Cassi deixou de enviar as cartas e não voltou à casa da família dos Anjos para pedir permissão a Joaquim para se casar com Clara, como o músico havia prometido.

Além da ausência de Cassi, os sintomas de gravidez que surgiam foram preocupando Clara, que quando teve a certeza de sua gestação pediu ajuda a sua amiga Dona Margarida. "Dona Margarida, de pé, nada dizia e olhava com profunda e desmedida tristeza, que não se adivinhava na sua calma e na segurança do seu olhar, aquele quadro desolador do enxovalhamento de um pobre lar honesto." ( BARRETO, 2012, p.74) A russa agiu de maneira afrontosa, após revelar aos pais de Clara sobre a situação, exigiu que ela e a jovem fossem cobrar "respeito" à família de Cassi.

Quando as suburbanas chegaram no bairro nobre, na casa do violeiro, foram recebidas por Salustiana, que não revelou nenhum sentimento seja de espanto ou empatia. No entanto, a senhora incomodava-se fervorosamente por estar em contato com uma negra.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou: - Que é que você diz, sua negra?  
Dona Margarida, não dando tempo a que Clara repelisse o insulto, imediatamente, erguendo a voz, falou com energia sobranceira:  
- Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós aqui estamos para pedir justiça e não para ouvir desaforos. ( BARRETO, Lima, 2012, p.75)

Clara não foi amparada pela família de Cassi, em momento algum, nem mesmo com um copo de água, a jovem não teve o direito de receber um atendimento digno na residência dos Azevedos. A senhora e a moça foram convidadas a se retirarem deste lar, e Clara subjugada e humilhada, refletindo no caminho de volta sobre a sua verdadeira condição no mundo: mulher, negra, pobre e mãe solteira. Clara conclui:

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:  
 - Mamãe! Mamãe!  
 - Que é minha filha?  
 - Nós não somos nada nesta vida. ( BARRETO, Lima, 2012, p.77)

Todas as experiências que Clara dos Anjos vivenciou até aquele dia foram apenas retratos adicionados ao álbum de coleção de momentos, entretanto o sentimento de abandono por sua primeira paixão deu origem a um falecimento, o de Clara enquanto menina, pois daquela data em diante Clara se tornaria uma mulher.

#### 4. A personagem Clara dos Anjos

Para esta etapa do trabalho elaboramos uma análise focada nos aspectos que constroem a protagonista na história. A personagem Clara dos Anjos revela pouca autonomia discursiva, uma vez que o narrador em terceira pessoa explora (e pouco) a sua perspectiva. Assim a relação entre a protagonista e o leitor é "distante" e um pouco "superficial". A Clara não desenvolve auto-questionamentos e dialoga pouco com os outros personagens do romance.

No entanto, em *Clara dos Anjos* há um elemento fundamental, o narrador onisciente, que informa ao leitor sobre todos os acontecimentos na ficção, como a crítica Beatriz Resende explica :

Em *Clara dos Anjos*, assim como em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a criação dos personagens e as múltiplas formas de manifestação do narrador são grandes qualidades da narrativa. [...] No caso de Lima Barreto, a voz do narrador, sem dialogismos, se arriscaria a apresentar cada uma das figuras que pelos subúrbios se movem como esquemáticas, naturalistas ou exóticas. (RESENDE, Beatriz, 2012, p.19)

Definimos a relação entre protagonista e intérprete como "distante" e "superficial" porque a imagem de Clara dos Anjos é configurada a partir da perspectiva do narrador onisciente, o qual tem um papel essencial no enredo, pois esclarece sobre sentimentos, emoções e pensamentos da personagem.

Antes de estabelecer a análise sobre a atuação da protagonista no romance, primeiramente buscamos destacar a simbologia que a denominação Clara dos Anjos revela. Considerando que culturalmente no Brasil a etnia branca é compreendida como superior, a partir disso muitas pessoas negras tentam encontrar um parceiro ou parceira com a cor de pele branca para consolidar um relacionamento, visto que unir estas etnias há grandes possibilidades dos filhos de casais inter-raciais nascerem com a pele clara.

Lima Barreto destaca na história a cor de pele da protagonista Clara dos Anjos, classificada como "pardo-claro", pois a jovem apresenta uma condição "favorável" de acordo com a hierarquia xenofóbica brasileira, preconceito racial alimentado não apenas por etnias opostas, mas entre os iguais.

A ênfase nessa definição de cor consiste em uma mensagem que parte da percepção racista de nosso país, pois a filha do carteiro é mulher, pobre e suburbana, mas, Clara, enquanto negra tem uma vantagem, por ser clara de cor. Schwarcz comenta: "A cor 'clara' e dos 'anjos' para um protagonista 'negra' ou 'mulata', conforme descrição presente no livro (*Clara dos Anjos*), o escritor desenha para ela o enredo mais violento em termos de discriminação racial e racismo contra mulheres afro-brasileiras" (SCHWARCZ, 2017, p. 42). Interessante que a biógrafa não deixa de considerar que apesar de ter o "privilegio" da cor clara, Clara dos Anjos não está isenta de ser vista com um olhar de subordinada e sofrer diante da sociedade branca.

Além disso, o termo "anjo" no nome da personagem está atrelado à essência de menina angelical associada à Clara, pois é uma moça alfabetizada, educada, religiosa e dona de casa, uma ótima cônjuge para os padrões sociais do início do século XX.

Ressaltando as questões a respeito do papel de Clara dos Anjos no romance, entendemos que a personagem recebeu uma criação com muitos limites pela superproteção de seus pais. A criação da filha do carteiro teve muito empenho e dedicação por parte dos responsáveis de Clara, então cuidadosamente a jovem foi "cristalizada", tornando-se um "anjo", por ser educada, inteligente e prestativa nos afazeres do seu lar.

A construção desta personagem revela uma mensagem crítica, pois Clara recebe destaque pelos seus traços de personalidade, que estão atrelados ao viés cognitivo, intelectual e psicológico, os quais são exaltados a partir de uma perspectiva positiva.

Todos estes elementos que compõem a personalidade de Clara são fundamentais para enfatizar o seu bom comportamento, visto que a jovem é admirada por ser recatada e educada. Este olhar

subjetivo que demonstra uma certa sensibilidade e delicadeza sobre a mulher negra é uma percepção muito singular desta protagonista.<sup>9</sup>

A maneira como Clara dos Anjos é construída rompe os estigmas de sexualidade e de mão de obra barata, que são atribuídos à caracterização do negro na literatura e na sociedade. A jovem "tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho" (BARRETO, 2012, p.4) é configurada neste romance de Lima Barreto com dignidade humana. Em relação à protagonista são ressaltadas as suas qualidades femininas e enquanto cidadã periférica, diferentemente do que costumamos encontrar na literatura, em que os pretos são descritos a partir de estereótipos fúteis, como a genética considerando o aparência corporal e o "molejo", que muitos acreditam ser fenômenos de origem das pessoas de pele escura. A estudiosa Schwarcz explica:

Lima, em vez de repetir a representação vulgar das "mulatas", em seus escritos parece querer denunciar um olhar preconceituoso que a sociedade dirige, seja descrevendo os maus-tratos a que são submetidas, seja mencionando a frustração delas com seus sonhos de ascensão que sempre acabam se mostrando infundados. (SCHWARCZ, Lília, 2017, p.425)

Percebe-se a empatia do autor com relação a personagem Clara dos Anjos pela reflexão que a história nos transmite, Clara foi "penalizada", de uma certa forma, por sua inocência e ingenuidade e não porque praticou um ato falho.

Além disso, esta "penalização" caracterizada pelo abandono de seu namorado foi um grande aprendizado que implica na forma como a jovem foi criada pelos seus pais. Schwarcz esclarece que "os 'mulatos' das histórias de Lima pareciam referendar a poderosa teoria do senso comum, que atribuía a eles muitas aptidões, sobretudo à argúcia e à certeza de que naquela sociedade era preciso saber manipular para "vencer na vida".(SCHWARCZ, 2017, p.422)

A família de Clara, Engrácia e Joaquim eram lúcidos sobre a crueldade presente na sociedade, para além disso objetivavam cuidar da "pureza" de sua filha. "Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe."(BARRETO, 2012,p.26)

A família da jovem desenvolveu uma "bolha social" isolando-a da sociedade, acreditaram que o ideal seria evitar o contato da moça com o mundo ao invés de esclarecer sobre os

---

<sup>9</sup> Lélia Gonzalez compreende que "quando se analisa a presença da mulata na literatura e na música popular, sua aparência física, suas qualidades eróticas e exóticas é que são exaltadas."(González, Lélia,2020, p.165)

enfrentamentos sociais que pudessem surgir em sua trajetória de vida. E, Clara não entendia porque era diferente das outras pessoas de *Diamantina*, onde morava, todos podiam passear e se relacionar com outras pessoas, no entanto, a filha do carteiro era privada de usufruir da liberdade, pois os pais queriam cultivar a sua boa educação, ética e moralidade.

Clara via todas as moças saírem com seus pais, com suas mães, com suas amigas, passearem e divertirem-se, por que seria então que ela não o podia fazer? A pergunta ficava sempre sem resposta, porque não havia meio, naquele isolamento em que vivia, de tudo e de todos, de encontrar a que cabia. Engrácia, cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria. (BARRETO, Lima,2012,p.26)

Por não enfrentar as realidades que podem ser compreendidas somente pela experiência a partir do contato com diferentes classes sociais, etnias e formas de pensamentos, Clara passava a maior parte do tempo alimentando seus sentimentos e se baseando em contextos ilusórios que sua criação permitiu vivenciar. Os planos de Joaquim e dona Engrácia de preservar a essência de Clara dos Anjos esteve seguro durante longos anos, a menina distante dos preconceitos e das dificuldades sociais sonhava em viver um amor verdadeiro, como os que eram cantados nas músicas de modinha da época.

Enganava-se com a eficiência dela; porque, reclusa, sem convivência, sem relações, a filha não podia adquirir uma pequena experiência da vida e notícia das objeções de que está cheia, como também a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor, de um amor extra-real, com estranhas reações físicas e psíquicas. Acresce, ainda, que era geral em sua casa o gosto de modinhas. Sua mãe gostava, seu pai e seu padrinho também. Quase sempre havia sessões de modinhas e violão na sua residência. Esse gosto é contagioso e encontrava, no estado sentimental e moral de Clara, terreno propício para propagar-se. As modinhas falam muito de amor, algumas delas são lúbricas até; e ela, aos poucos, foi organizando uma teoria do amor, com os descantes do pai e de seus amigos. O amor tudo pode, para ele não há obstáculos de raça, de fortuna, de condição; ele vence, com ou sem pretor, zomba da Igreja e da Fortuna, e o estado amoroso é a maior delícia da nossa existência, que se deve procurar gozá-lo e sofrê-lo, seja como for. (BARRETO, 2012, Lima, p.27)

A criação estabelecida pela família de Clara constituiu uma jovem completamente frágil e vulnerável a sofrer com as violências sociais. Engrácia e Joaquim conseguiram evitar temporariamente que Clara se envolvesse com a sociedade em geral, mas não foram capazes de a proteger do efeito contrário, por isso "ela se enganava, porque não conhecia a vida. Para se escapar aos crimes de Cassi, basta um pouco de proteção e que o acusado seja bastante cínico e

ousado." (BARRETO, 2012,p.50) Marramaque, por exemplo, sujeito de guerra, pôde perceber a malícia do galã Cassi Jones, apenas pelo olhar, entretanto, Clara enquanto menina de aparência e alma deixou-se levar pela emoção.

Clara tem dificuldade em compreender as situações inconsequentes e "na ingenuidade de sua idade e com as pretensões que a sua falta de contacto com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificavam, concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente." (BARRETO, 2012,p.50) Essa falta de noção sobre a sagacidade humana a tornou uma "presa" fácil, principalmente aos malandros da sedução, mas Clara estava sujeita a ser enganada a enfrentar muitos os outros perigos que estão inseridos na sociedade.

As emolientes modinhas e as suas adequadas reações mentais ao áspero proceder da mãe tiraram-lhe muito da firmeza de caráter e de vontade que podia ter, tornando-a uma alma amolecida, capaz de render-se às lábias de um qualquer perverso, mais ou menos ousado, farsante e ignorante, que tivesse a animá-lo o conceito que os bordelengos fazem das raparigas de sua cor.(BARRETO, Lima, 2012,p.27)

Os pais de Clara apresentavam um relacionamento "fechado" entre a família, não conversavam e não julgavam sua filha, a tratavam como se fosse incapaz de compreender situações da vida. Dessa forma, não esclareceram para a moça os verdadeiros riscos que ela estava correndo ao se submeter em constituir um relacionamento com o modinheiro.

Então, quando perceberam as intenções de Cassi Jones com relação a Clara tentaram proteger a jovem evitando que o violeiro se encontrasse com a moça. Engrácia e Joaquim expressavam claramente sua indignação sobre o fato, contudo, sobre Clara dos Anjos : "a educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente." (BARRETO, 2012,p.76)

A ausência de diálogos entre a família dos Anjos contribuiu para o surgimento de uma sutil rebeldia por parte de Clara, a jovem não compreendia o motivo de seus pais não aceitarem o seu casamento com o violeiro. A adolescente não concordava com o posicionamento de seus pais, então "ficou aborrecida, cheia de desgostos com eles e com a situação em que estava, imposta por eles, para o seu sofrimento."(ibidem,p.27)

Clara estava completamente cega de paixão e não apresentava nenhum esforço para enxergar o lado obscuro de Cassi, "Clara, na sua justificável ignorância do mecanismo da nossa vida social, julgava que seus pais eram com ele injustos e grosseiros." (BARRETO, 2012,p.27) A

jovem tomada pelas emoções, depreciava silenciosamente aqueles que criticavam o comportamento do modinheiro.

O padrinho, Marramaque, parecia-lhe seu inimigo. Sempre que podia, contava mais uma proeza, mais uma falcatura de Cassi. Não lhe cansava o assunto. Clara até tinha, às vezes, vontade de dizer a seu padrinho: 'Padrinho, esse Cassi deve ser muito rico, porque compra a polícia, a justiça, para não ser preso. Olhe: se ele fosse condenado pela metade dos crimes que o senhor lhe atribui, estaria já na cadeia, por mais de trinta anos.' [...] Vivia assim ansiosa e ofegante, querendo e não querendo ver o modinheiro; ora, convencendo-se de tudo que diziam dele; (BARRETO, Lima, 2012,p.50)

Todos que tinham carinho pela filha do carteiro concentravam-se em proteger a jovem, principalmente a sua mãe Engrácia, que timidamente e mesmo sem jeito para lidar com alguns ensinamentos, empenhava-se para proporcionar o melhor a filha, pois "O seu amor à Clara era um sentimento doentio, absorvente e mudo. Queria a filha sempre junto a si, mas quase não conversava com ela, não a elucidava sobre as coisas da vida, sobre os seus deveres de mulher e de moça." (BARRETO, 2012,p.50)

Clara observava o mundo de uma maneira única, a qual não lhe cabia frustrações e arrependimentos, não havia sido exposta ao racismo, sexismo e divisão de classes sociais. A jovem nunca pensou que fora do seu lar e do seu bairro, na sociedade, existe um conflito que separa negros e brancos, ricos e pobres, governo e cidadão, empresário e operário, então a moça se alimentava de seus sonhos e de suas imaginações.

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por seestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (BARRETO, Lima, 2012,p.49)

Apesar de tudo isso, os pais de Clara dos Anjos buscavam apenas proporcionar o melhor para a jovem, pois a filha de dona Engrácia e seu Joaquim era diferente, o que a tornou especial em muitos aspectos. O fato de ter se desenvolvido a partir de uma criação bastante conservadora e limitada, Clara, vivia em condições privilegiadas, considerando a sua posição social enquanto mulher, negra e pobre.

Visto que seu pai era servidor público, recebia um subsídio que não coloca a família dos Anjos em situação de miséria, como muitos suburbanos viviam, além disso sua mãe pôde lhe

alfabetizar porque era letrada, portanto mesmo em suas condições em marginalidade social, a jovem apresenta uma certa estabilidade.

Mesmo ela não tinha nenhum ardor musical, nem de repetir, de reproduzir, nem de criar; aprazia-lhe ouvir, e era o bastante para a sua natureza elementar. Nem a relativa independência que o ensino da música e piano lhe poderia fornecer, animava-a a aperfeiçoar os seus estudos. O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. Não imaginava as catástrofes imprevistas da vida, que nos empurram, às vezes, para onde nunca sonhamos ter de parar. Não via que, adquirida uma pequena profissão honesta e digna do seu sexo, auxiliaria seus pais e seu marido, quando casada fosse. Ela tinha bem perto o exemplo de Dona Margarida Pestana, que, enviuvando, sem ceitel, adquirira casa, fizera-se respeitada e ia criando e educando o filho, de progresso em progresso, fazendo tudo prever que chegaria à formatura ou a coisa parecida. (BARRETO, Lima, 2012,p.49)

A jovem sofreu a partir de um conjunto de fatores, não podemos deixar de considerar que a presença de Cassi Jones com o intuito de seduzir a filha do carteiro é o principal problema desenvolvido na trama. No entanto, podemos perceber alguns segmentos que facilitaram para Clara se tornar mais uma estatística dentro da comunidade de mulheres negras violentadas pela sociedade. Destacamos: a forma de criação que seus pais escolheram para sua vida e a ingenuidade de Clara sustentada pela ilusão em acreditar que Cassi era um homem digno para estabelecer um casamento.

## 5. Considerações finais

O romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto revela diversas reflexões sobre as questões de classe social, pobreza e racismo. As divisões de classe sociais são representadas, principalmente, pela personagem Clara dos Anjos, que reflete a pobreza, e Cassi Jones, que simboliza a classe média. Estes dois personagens são bastante singulares e não são restritos aos lugares comuns com relação às classes sociais.

A protagonista Clara dos Anjos é apresentada como uma jovem bonita, elegante e inteligente distante da caracterização medíocre proposta aos personagens negros, em que a mulher negra é configurada com um teor sexual e o homem negro apresentado como criminoso.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Esta perspectiva é esclarecida pela escritora Lélia Gonzalez, em que explica: " Numa dimensão consciente, ele (o branqueamento) reproduz aquilo que os brancos dizem entre si a respeito dos negros e constitui um amplo repertório de expressões populares pontuadas por imagens negativas dos negros 'Branco correndo é atleta, negro correndo é ladrão'; 'O preto, quando não suja na entrada, suja na saída'; 'Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar'"(GONZÁLEZ, Lélia, 2020,p.169)

Cassi Jones escapa aos lugares comuns em torno da classe média, mas é caricato enquanto "conquistador" e mau caráter, visto que apesar das boas condições financeiras o sujeito não é letrado e o seu maior objetivo é aproveitar do corpo de mulheres alheias.

Portanto, esses personagens contextualizam uma realidade pouco exposta, a qual mostra que o negro tem outras qualidades além da pele escura e a "boa" genética de corpo, pontua também que não é apenas na periferia que são forjados os "malandros".

Além da divisão de classes ser representada por Clara dos Anjos e Cassi Jones, compreendemos que a comunidade suburbana no Brasil é composta por um público muito vasto, as situações que colocam os cidadãos em condições de dificuldades financeiras não selecionam etnias, nacionalidades ou orientações sexuais.

Podemos perceber a partir da personagem Dona Margarida, que apesar das suas condições como mulher, branca e estrangeira, as quais são consideradas dentro de nossa sociedade como posições privilegiadas, estes fatores não foram determinantes para evitar que a Dona Margarida estivesse fora da favela, ou seja, embora essa senhora seja privilegiada em relação aos outros moradores do subúrbio, Dona Margarida está longe de ser observada como uma mulher casada de classe média.

Com relação ao racismo, no romance este tema só é tratado diretamente no final da história, quando Clara vai até a casa da família de Cassi para obter uma satisfação do sumiço de Cassi. Então, Salustina se refere à jovem denominando-a como "negra" no sentido pejorativo, para tentar estabelecer uma hierarquia de superioridade e inferioridade naquela cena.

Contudo, é possível interpretar o racismo ao longo da história destacando as principais vítimas seduzidas por Cassi, que nesse caso são mulheres negras e pobres. A postura do violeiro que busca enganar essas moças para unicamente desfrutar de momentos sexuais transparece a mensagem da ideologia racista, que assim como o homem negro é observado por uma perspectiva corrupta, a mulher negra é observada pelo viés sexual.

A ideologia racista desenvolvida no romance é apresentada por meio dos detalhes que se conectam com a perspectiva cultural de nosso país. Considerando o período do Brasil Colônia em que os portugueses, homens brancos, que se relacionavam violentamente com mulheres negras para afirmar a sua superioridade política, financeira, mas, principalmente, étnica.

A partir disso, podemos refletir sobre a caracterização do Cassi Jones. Enquanto descendente de europeu, homem branco e de classe média, o personagem é construído na sociedade do século

XX, sendo portanto um personagem que representa a ideologia racista, já que o violeiro afirma a sua superioridade étnica seduzindo as mulheres negras, utilizando de seus corpos e as descartando. Esta função atribuída a Cassi Jones é tão repugnante quanto a brutalidade sexual praticada pelos portugueses em relação às mulheres negras no período da escravidão.

O contexto histórico brasileiro, que explora a corporalidade das mulheres negras, as quais foram atribuídas o trabalho escravo de funções braçais, domésticas e sexuais. A partir da personagem Clara dos Anjos é possível não apenas entrever a condição da mulher negra no Brasil nas primeiras décadas do século XX, mas também compreender sobre a estrutura social que cultivava a pobreza e o racismo.

Portanto, o romance *Clara dos Anjos* revela um grande panorama de reflexões sociais que são pertinentes para desenvolver um olhar menos estereotipado com relação aos grupos vulneráveis. Além disso, no romance o escritor chama a atenção não só para a sobreposição de subalternidades, como apresenta uma visão multifacetada dos cidadãos periféricos.

### **Referências**

- BARRETO, Lima, **Clara dos Anjos**, Local: São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 2012.
- COSTA, Maria Luiza. DANTAS, Rute. **Clara Dos Anjos E A Mulher Negra No Início Do Século XX**, Local: Brasília, Editora IFB, 2018.
- BARRETO, Lima, **Triste fim de Policarpo Quaresma**, Local: São Paulo, Editora: Saraiva, 2007.
- BARBOSA, Francisco de Assis, **A vida de Lima Barreto**, 11<sup>o</sup> edição. Local: Belo Horizonte, Editora: Autêntica editora, 2017.
- BOOTH, Wayne C, **A retórica da ficção**, Local : Portugal, Lisboa, Editora: Arcária S. A. R.L, 1980.
- EVARISTO, Conceição, **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**, Local: Belo Horizonte, Editora: Scripta, 2009.
- FONSECA, Cláudia, **Ser mulher, mãe e pobre**, Local: São Paulo, Editora: Editora Contexto, 2004.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**, Local: Rio de Janeiro, Editora: Zahar, 2020.

LINS, Osman, **Lima Barreto e o espaço romanesco**, Local: São Paulo, Editora: Ática S.A, 1976.

PROENÇA FILHO, Domício, **A trajetória do negro na literatura brasileira**, Local: Rio de Janeiro, Editora: Estudos avançados, 2004.

RESENDE, Beatriz, **Clara dos Anjos**, Local: São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Lima Barreto: Triste Visionário**, Local: São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 2017.

SEGATO, Rita Laura, **O Édipo Brasileiro: a dupla negação de gênero e raça**, Local: Brasília, Editora: Universidade de Brasília, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª edição, Local: São Paulo, Editora: Brasiliense, 1999.

